

FACULDADE DE SÃO BENTO
BACHARELADO EM TEOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A EUCARISTIA COMO EXPRESSÃO DA UNIVERSALIDADE E
UNIDADE ECLESIAL À LUZ DA CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA
SOBRE A IGREJA LUMEN GENTIUM**

Marivalda Tercilia Xavier dos Santos

São Paulo

2019

FACULDADE DE SÃO BENTO
BACHARELADO EM TEOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A EUCHARISTIA COMO EXPRESSÃO DA UNIVERSALIDADE E
UNIDADE ECLESIAL À LUZ DA CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA
SOBRE A IGREJA LUMEN GENTIUM**

Monografia apresentada como exigência para
obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Domingos Zamagna

São Paulo

2019

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho de conclusão de curso em primeiro lugar a Deus, que me deu saúde e força para superar os momentos difíceis que surgiram ao longo dessa caminhada para finalizar o mesmo.

A família a qual Deus me deu por serem a base da minha vida e que, mesmo sem me apoiarem e não estarem de acordo a minha opção de vida, não se opuseram e deixando - me fazer essa experiência tão linda e maravilhosa do amor de Deus a fim de que guiada por ele eu possa realizar meus sonhos.

Agradeço os meus amigos de curso e irmãs religiosas por toda ajuda, incentivo e apoio durante esse período tão importante da minha formação acadêmica e aos que contribuíram direta e indiretamente para a realização da minha pesquisa. Trago aqui de forma especial Frei Júlio que mesmo de longe e bem atarefado doou seu tempo me ouvindo e orientando da melhor maneira possível.

Aos professores do curso que através de seus ensinamentos permitiram que eu pudesse hoje estar concluindo esse trabalho em especial ao meu orientador Prof. Dr. Domingos Zamagna, que apesar das dificuldades e contratempos se propôs a acompanhar me como também aos estimados professores que compõem a banca examinadora Prof. Magno José Vilela e Prof. Dr. Sérgio Ribaric pelos quais tenho grande estima.

Minha gratidão afetuosa...

À minha família religiosa, Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, por terem me dado a chance e todas as ferramentas que permitiram chegar hoje ao final desse ciclo de maneira satisfatória. Recordo de modo especial Ir. Márcia, pela paciência e confiança; Ir. Vânia, por me ajudar separar o material e elaborar os textos; Ir. Adelir, que apesar do seu tempo corrido também separou textos a fim de enriquecer meu trabalho; Ir. Inácia, por me ajudar com a tradução e verificação do texto e tantas outras que sempre me animaram e incentivaram a não desistir. Por tudo isso dou graças à Deus.

“ E, enquanto ceavam, tomou Jesus um pão e, tendo dado graças, o partiu, e o serviu aos seus discípulos dizendo: Tomai, isto é o meu corpo. Em seguida, tomou Jesus um cálice, deu graças e o entregou aos seus discípulos, e todos beberam dele. Então lhes disse: Isto é o meu sangue da aliança, o qual é derramado pelo bem de muitos.”

(Marcos 14, 22 - 24)

Não é verdade que o cálice da bênção que abençoamos é a comunhão do sangue de Cristo? Acaso o pão que partimos não é nossa participação no sangue de Cristo? És perseverante, pois sofreste por causa do meu nome, mas não esmoreceste.

(1 Coríntios 10,16)

RESUMO

A Eucaristia é fonte e ápice da vida cristã. É sinal de unidade, de vínculo de amor entregue até à máxima doação, pois é o próprio sacrifício do Corpo e do Sangue de Jesus confiado à sua Igreja como memorial de sua Paixão, Morte e Ressurreição. Razão pela qual é também chamada de banquete pascal. Na noite em que ia ser entregue (1 Cor 11,23), Jesus Cristo instituiu a Eucaristia. Diante desta perspectiva nossa motivação principal foi procurar entender: Como a Eucaristia pode ser expressão da universalidade e unidade eclesial a partir da *Lumen Gentium* e outros documentos da Igreja? Para isto buscamos responder às seguintes problemáticas: Quais são os aspectos eclesiológicos da Aliança no Antigo Testamento? Quais os aspectos eclesiológicos da Aliança no Novo Testamento? Por último procuramos entender: Como a universalidade e unidade eclesial é apresentada na *Lumen Gentium*? Percebemos que no Antigo Testamento a Aliança é realizada por meio da libertação do povo do Egito e concretizada nas tábuas da Lei. Já no Novo Testamento Jesus nos apresenta a Páscoa como passagem do homem velho para o homem novo e na concretude da Nova e Eterna Aliança como realidade concreta do Amor. O Povo de Deus é aquele que, impulsionado e orientado pelo encontro pessoal com Cristo, é chamado a propagar seu Evangelho a toda criatura. A Igreja como povo de Deus centra-se ao redor da Eucaristia, fonte de agradecimento no próprio Deus. Por fim, celebrar a Eucaristia é celebrar a Aliança do Amor entre Deus e os homens.

Palavras-chave: Eucaristia – Povo de Deus – Páscoa - Aliança

ABSTRACT

The Eucharist is the source and summit of the Christian life. It is a sign of unity, of a bond of love delivered to the utmost bestowal, for it is the very sacrifice of the Body and Blood of Jesus entrusted to his Church as a memorial of his Passion, Death and Resurrection. Also called the Pascal banquet. The night he was to be delivered (1 Cor 11,23), Jesus Christ instituted the Eucharist. Given this perspective our main motivation was to seek to understand: How can the Eucharist be an expression of universality and ecclesial unity from the *Lumen Gentium* and Church documents? To this end we seek to answer the following questions: What are the ecclesiological aspects of the Old Testament covenant? What ecclesiological aspects of the covenant in the New Testament? Finally we try to understand: How is universality and ecclesial unity presented in the *Lumen Gentium*? We realize that in the Old Testament the covenant is made through the Liberation of the People of Egypt and embodied in the tablets of the Law. Already in the New Testament Jesus presents us with Easter as the passage from the old man to the new man and in the concreteness of the New and Eternal Covenant. as a concrete reality of love. The People of God are those who, driven and guided by their personal encounter with Christ, are called to spread their Gospel to every creature. The Church as God's people centers around the Eucharist, a source of thanksgiving to God Himself. Finally, to celebrate the Eucharist is to celebrate the covenant of love between God and men.

KEYWORD: EUCHARIST - PEOPLE OF GOD – EASTER - ALLIANCE

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
1. ASPECTOS ECLESIOLÓGICOS DA ALIANÇA NO ANTIGO TESTAMENTO	11
2. ASPECTOS ECLESIOLÓGICOS DA ALIANÇA NO NOVO TESTAMENTO	16
3. A UNIVERSALIDADE E UNIDADE ECLESIAL A LÚZ DA LUMEN GENTIUM....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	30

INTRODUÇÃO

A Eucaristia é fonte e ápice da vida cristã. É sinal de unidade, de vínculo de amor entregue até à máxima doação, pois é o próprio sacrifício do Corpo e do Sangue de Jesus confiado à sua Igreja como memorial de sua Paixão, Morte e Ressurreição, é também chamada de banquete pascal. Na noite em que ia ser entregue (1 Cor 11,23), Jesus Cristo instituiu a Eucaristia.

“Eucaristia” propriamente quer dizer: reconhecimento, gratidão, ação de graças. Nas relações com Deus o agradecimento assume normalmente a forma de uma oração (Sb 16,28; I Tes 5, 17s; II cor 1, 11; Cl 3,17, etc.). Tem relação, então, naturalmente, com a bênção que celebra as maravilhas de Deus, porque estas maravilhas se manifestam para o homem na forma de benefícios que dão ao louvor o colorido do reconhecimento. (AUGÉ, p. 143 – 144).

Pela experiência da fé cristã, podemos celebrar a unidade e a comunhão da vida divina com o seu povo no mistério da Eucaristia, aludindo à liturgia celeste, como antecipação da vida eterna. cremos que Jesus está presente na Eucaristia de modo singular, verdadeiro, real e substancial e, portanto, de modo sacramental, nas espécies do pão e vinho eucarísticos.

A escolha do tema confirma que bem celebrar em comunidade é uma nota característica da nossa busca de Deus, uma vez que a nossa vida é permeada de celebrações, de ritos, de momentos alegres e tristes, de dor e de esperança. Isso remete ao ciclo litúrgico em nossa Igreja Católica. Importante entendermos que o Concílio Vaticano II (1962-1965) definiu a Igreja como “Povo de Deus” (LG, n.9) e assim foi seguido pelo Catecismo da Igreja Católica, (n. 782).

A Igreja é mistério no seu peregrinar porque tem sua origem no êxodo de Deus Trindade, que saiu de si para comunicar-se com o homem e reconciliá-lo consigo. Ela é mistério pela contínua presença do Ressuscitado que a vivifica e a coloca constantemente em movimento rumo ao Reino de Deus. Por ser fruto da iniciativa divina e pela presença do Espírito, a Igreja transcende qualquer imagem ou definição humana.

Por meio da experiência gratuita do amor de Deus cada pessoa é chamada a responder com uma vida cristã mais parecida com os ensinamentos deixados por Jesus e celebrados na liturgia eucarística. A nova consciência que a Igreja tem de si mesma como Povo de Deus inaugurou uma nova era para a eclesiologia. Encontramos na Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC) sobre a Sagrada Liturgia (1963) que “para realizar tão grande obra, Cristo está

sempre presente na sua igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, pois na pessoa do ministro, aquele que agora se oferece pelo ministério sacerdotal é o mesmo que, outrora, se ofereceu na Cruz, e agora se oferece sob as espécies eucarísticas. (SC 7).

O sacramento da Eucaristia nos apresenta a expressão máxima da presença de Cristo na comunidade. Outrora, Deus conduziu o seu povo pelo caminho do deserto rumo à Terra Prometida. Com a Encarnação de seu Filho Jesus Cristo, fez-se presente como dom total para a salvação do mundo. Portanto, qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja.

Os documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965), expressam a presença do Senhor na Eucaristia: “Memorial de sua morte e ressurreição (...), banquete pascal, no qual Cristo nos é comunicado em alimento (...)” (SC 47). “Participando realmente do corpo do Senhor na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com ele e entre nós” (LG 7). “A sagrada Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo, dando vida aos homens, por meio de sua carne vivificada e vivificante pelo Espírito Santo” (Presbyterorum Ordinis 5). “Pela celebração eucarística (...), os fiéis (...) ao terem acesso ao Deus Pai mediante o Filho, o Verbo encarnado, morto e glorificado, pela efusão do Espírito Santo conseguem a comunhão com a Santíssima Trindade” (Unitatis Redintegratio 15).

O gesto tradicional de fazer a prece de louvor, ao romper o pão, quer no ato do culto, quer na vida familiar da tradição judaica (a expressão *páras lehem* = romper o pão) em Is 58, 7; Jr 16,7), é assumido pelo cristianismo a partir do próprio Jesus. Constata-se que em tão grande obra e ação amorosa de Deus, há a permissão de Deus para que o homem seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, pois Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai.

Refletir sobre a abrangência da Eucaristia e sua importância no dinamismo e fecundidade da vida cristã, também nos faz perceber pela fé esclarecida pela razão e a razão iluminada pela fé que, na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim (LS 236). A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge

uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura.

Nos próximos capítulos apresentaremos a presença de Deus como sustento para a vida e missão de seu povo, propondo e mantendo a aliança no Antigo e no Novo Testamento. Depois, a Eucaristia como sacramento que expressa a unidade e universalidade da Igreja, e, por fim, algumas considerações a partir do que foi exposto nos capítulos anteriores e à luz do Magistério atual da Igreja, sob os ensinamentos do Papa Francisco.

CAPÍTULO 1

1. ASPECTOS ECLESIOLOGICOS DA ALIANÇA NO ANTIGO TESTAMENTO

A imagem da Igreja como Povo de Deus se enraíza na Sagrada Escritura. No Antigo Testamento, em virtude da eleição divina (Dt 7,6ss; Is 48,12) e da aliança (Ex 24,1-11), Israel se compreende como Povo de Deus (Dt 29,12; Jr 7,23), povo santo, povo consagrado a Deus (Dt 7,6; 14,2; Ex 19,6), sua propriedade (Ex 19,5), seu filho (Ex 4,22), sua esposa (Os 2,4; Jr 2,2), reino de sacerdotes (Ex 19,6), povo mediador e testemunho para os outros povos (Is 44,8; Gn 12,3). Israel é o Povo; os outros povos são nações estrangeiras. Na sua história, Israel vive a expectativa de uma nova aliança (Jr 31,31; Ez 37,26) e dessa nova aliança nascerá um novo povo (Is 2,2; Jr 4,2) e sobre este povo Deus infundirá o seu Espírito (Ez 36,27).

O conceito de Povo de Deus é apresentado por Jordão (2011) que nos dá uma breve contextualização em sua dissertação “Estudo do conceito Povo de Deus na Lumen Gentium”, a saber:

Até os anos 70, a Igreja se vê como o *Povo de Deus da nova aliança*. Até o século IV, o termo “povo” é empregado pelos Padres Apostólicos; a partir de Agostinho o conceito jurídico-romano de *populus* substitui o conceito histórico-salvífico de Povo de Deus: a Igreja é a Igreja de todos os povos compreendidos pelo Império Romano, portanto, já no século IV, o conceito Povo de Deus começa a representar cada vez mais os leigos, isso se deve ao desenvolvimento da hierarquia eclesial. No século V, desaparece quase por completo, o genuíno conceito histórico-salvífico de Povo de Deus, não havendo mais a preocupação de relacionar a comunidade cristã com o povo eleito do Antigo Testamento; progressivamente, prevalece o conceito agostiniano de *congregatio fidelium*, entendida na Idade Média, tanto a partir da representação familiar quanto a concepção política de nação. A partir de 1096, com as cruzadas e o juízo negativo contra os judeus, foi impedida a mentalidade histórico-salvífica, não considerando mais uma continuidade o Povo de Deus do Antigo e do Novo Testamento. A teologia escolástica da Idade Média também não utiliza a expressão Povo de Deus, por achar muito vaga e não sublinhar a distinção entre Israel e a Igreja. Só no século XIX, com a ideia de Corpo Místico de Cristo foi desenvolvida pelas escolas teológicas de Tubinga e, especialmente, a Romana, começa aos poucos reaparecer o pensamento da Igreja como Povo de Deus. No período posterior à primeira guerra, muitos viam a Igreja como uma rocha de salvação em meio ao caos da época. Finalmente, só após ser desenvolvida a concepção do *sacerdócio universal dos batizados* leva-se a superação de uma Igreja clerical. J. H. Newman, no mesmo século XIX, traz à luz o conceito Povo de Deus, e os católicos voltam a colocar em relevo a conexão histórica entre o Povo de Deus do Antigo e do Novo Testamento, com R. Grosehe, H de Lubac e Y. Congar. Em 1940,

M. D. Koster, rejeitando a definição da Igreja como Corpo Místico de Cristo, desenvolveu em seu lugar a concepção de Igreja como Povo de Deus (JORDÃO, 2011, p.43).

A História da Salvação nos mostra como Deus acolhe, cuida e ama o seu povo. Primeiramente a Bíblia nos mostra como Abraão respondeu ao chamado de Deus, por um duro processo de conversão. Deus passa por sua vida e ele realiza uma passagem para Deus, tornando-se fonte de bênção para todas as famílias da terra. Mais tarde, Deus chama um povo, quando são feitas as mesmas exigências de conversão e as mesmas promessas de bênção, o povo de Israel, narradas no livro do Êxodo. (Beckäuser,1986, p. 29).

Surge um fato, um evento novo na história do povo: a Páscoa. Nesse contexto, Páscoa significa passagem, mas não é qualquer passagem, mas a possibilidade de ter uma vida melhor, uma nova situação para a realização da vocação que cada um recebeu. Nos relatos bíblicos dos primeiros livros do Antigo Testamento, encontramos a “passagem de Deus pelo seu povo, passagem do anjo exterminador dos primogênitos dos inimigos, fazendo com que o faraó deixasse partir o povo. Pascoa é também passagem do povo: da escravidão para a liberdade, da terra da opressão do Egito para a terra prometida, onde correm leite e mel, o novo paraíso. É a passagem pelo Mar Vermelho a pé enxuto, conduzido pela mão de Deus. Realiza-se a páscoa da libertação e a páscoa da Aliança aos pés do Monte Sinai, onde este povo se torna escolhido, um povo sacerdotal, real e profético. Páscoa é, portanto, uma passagem para uma situação melhor pela ação de Deus na vida do homem”. (idem, p. 29.)

Nesses tipos de passagens, constata - se uma ação libertadora de Deus, o que é comemorado através de ritos. No capítulo 12 do livro do Êxodo se fala da comemoração da passagem libertadora de Deus, através do rito do cordeiro ou dos pães ázimos, e no capítulo 24 do mesmo livro, vemos como Moisés presidiu o rito da Aliança com Deus, depois que o Senhor, do alto da montanha, havia manifestado sua vontade.

Desse modo, o Êxodo passou a ser interpretado como memória da ação salvífica de Deus, sendo celebrado pelo povo eleito para recordar a ação maravilhosa de Deus selada pela aliança. Assim, o povo de Israel celebrava a páscoa em um ritual específico, constituído de cordeiro, pães ázimos, ervas amargas e vinho. Na tradição bíblica, o cordeiro e os ázimos aparecem sempre unidos. Na realidade, representam eles duas tradições que remontam a épocas diferentes da história e da cultura do antigo povo hebreu. Em um rito de primavera, os nômades antigos – os quais também estão na origem da formação do povo de Israel – imolavam o cordeiro, sem ligação alguma com o templo, altar ou divindade oficial. Era uma festa de caráter patriarcal e tribal.

Por sua vez, o sangue do cordeiro, nos marcos das portas, servia para esconjurar os seres maléficis (14^a Congresso Eucarístico, 2001, p. 22). Essa festa do cordeiro era celebrada na noite do plenilúnio da primavera (Ex 12,6; Lv 23,5; Nm 28,16; Dt 16,1-2). Também na primavera se celebrava a festa dos pães ázimos e consistia no uso de pão não-fermentado (Ex 13,4; Lv 23,6; Nm 28,17), com a duração de uma semana (Ex 12,15; 13,6; Lv 23,6-8; Nm 28,17). A festa dos ázimos era ligada ao santuário local, no qual se realizava a oferta da primeira colheita (Lv 23,10ss). Importante notar que nesse contexto, a páscoa e a festa dos ázimos sempre aparecem como duas celebrações distintas. A primeira é sempre “páscoa” ou “páscoa do Senhor” (Ex 12, 27.43; Lv 23,5; Nm 28,16), comumente celebrada no dia 14 do primeiro mês, com a imolação do cordeiro ao pôr do sol (Ex 12, 6.21). A segunda celebração é denominada como apenas “ázimos” (Ex 12,15-20; 13,6-10) ou como “festa dos ázimos” (Lv 23,6; Nm 28,17), celebrada no dia 15 do primeiro mês (Ex 13,4). Durava sete dias (Ex 12,15; 13,6). O motivo das duas celebrações era o mesmo: recordar o dia em que Deus libertou o seu povo do Egito (Ex 12,11-12.22-27.43-51; 13, 3.8).

A Libertação configurou a eleição, e esta exigiu a Lei. A bem da verdade, a eleição com a Aliança significa uma “penhora parcial da liberdade” (*P. Buis, La notion d'Alliance dans l'Ancien Testament*, p. 116). Tanto a eleição quanto a aliança visam mudar a inculcar gradativa e pedagogicamente a responsabilidade e a fidelidade. Este é todo um processo de ruptura e evolução que precisa instaurar-se na história e ser assumido com espírito profético, como fala Paulo: “Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova. Tudo isso vem de Deus que nos conciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação” (2Cor 5,17-18). De modo mais incisivo fala o autor de Hebreus: “Assim sendo, ao falar de nova aliança, tornou velha a primeira” (Hb 8,13). Ora, o que se torna antigo e envelhece está prestes a desaparecer. Esta aliança do sangue de cordeiros precisava desaparecer e dar lugar a algo novo na restauração da vida. Assim, no plano da Redenção se fez presente o sangue do Filho de Deus. Enfim, como afirma B Renaud (*Je suis un Dieu jalouse*, p. 143) “a origem do mistério da aliança e da eleição se encontra no amor de Deus”. (Mazzarolo,1999, p. 33).

A aliança tornou-se realidade permanente que não se esgota no fato histórico ou no rito inicial. A permanência da aliança se manifesta nos pães da proposição colocados diante de Deus em memorial e como aliança perpétua (Lv 24, 7-8); no sábado, instituído para celebrar a “aliança eterna” (Ex 31, 6); no holocausto, chamado de perpétuo e agradável ao Senhor (Nm 28, 6). A celebração anual da páscoa era vista como uma verdadeira festa da aliança, e não como uma renovação. Uma nova aliança seria feita somente no tempo messiânico ainda a ser realizado (Jr. 31, 32).

O êxodo dos hebreus oficializou-se com o rito da aliança no monte Sinai. A conclusão da aliança se deu por um sacrifício que ficou conhecido como o “sacrifício do Sinai”, oferecido pelo povo. Em torno do altar, foram colocadas doze pedras, representando as doze

tribos de Israel. Moisés, claramente o “mediador” entre Deus e o povo, derramou parte do sangue e aspergiu a outra parte sobre as doze pedras, dizendo: “Este é o sangue da aliança que Deus fez convosco” (Ex 24,1-8). A aliança é concluída com o rito de sacrifício oferecido pelo povo, consagrado como nação sacerdotal (Ex 24, 9-11). (14ª Congresso Eucarístico, 2001, p. 23).

Para os judeus o templo era o centro religioso e econômico da Palestina. Era a principal mediação entre o povo e Deus através do sacerdócio e dos sacrifícios, recebendo um valor quase absoluto como se fosse a garantia de salvação. O rito pascal do povo hebreu assumiu a forma de sacrifício do cordeiro, do uso dos ázimos, das ervas e do vinho e deveria ser realizado em vigília, para refletir a vigília libertadora do Senhor (Ex 12, 42; Dt 16, 1-6). Seu caráter primordial era ser um memorial da intervenção divina em favor do povo hebreu. Além disso, a Páscoa adquiriu um sentido real e um sentido simbólico. Em ambos os sentidos, estão manifestadas a simbologia do modo como Deus se comportará com Israel, no “dia do Senhor”, e a realidade de que a era messiânica chegará como consequência da páscoa.

Desse modo, a páscoa englobava uma realidade histórica em sua totalidade (passado, presente e futuro): a libertação histórica do Egito, a permanente festa pela aliança e o destaque à realidade escatológica como páscoa definitiva do Senhor. A páscoa hebraica é ritual destinado a “reatualizar”, em todo o seu valor, o acontecimento ao qual se refere. Em sua presença ritual, o acontecimento antigo é apresentado como realidade histórico-salvífica em todos os tempos. O rito da ceia judaica inicia-se com a ablução (purificação) das mãos de todos os comensais, os quais bebem um pouco do cálice com vinho, e o pai da família pronuncia a oração da bênção. Em seguida, ocorre a refeição na forma de partilha de pão, distribuído a todos os comensais, e acende-se a lâmpada. Após a refeição, os comensais mais importantes da mesa realizam a segunda ablução das mãos. Todos bebem o vinho misturado com água, após ter bebido, primeiramente, o presidente. Ao final, os comensais louvam a Deus, cantando a oração da bênção e a ação de graças, lembrando as maravilhas de Deus na história e o invocando como Deus da aliança. (14ª Congresso Eucarístico, 2001, p. 24).

Sendo assim, constitui-se aqui uma aliança nupcial entre Deus e o seu povo. Nesta aliança, institui-se um rito pelo qual se conservou através dos séculos uma ação histórica de Deus. Temos o rito que evoca o passado de Israel e introduz as gerações futuras no acontecimento primordial, nas núpcias do Sinai. O povo revive o passado da ação de Deus como uma realidade presente. É um memorial, uma comemoração, ou seja, a celebração, a atualização ritual daquela ação de Deus que em outro tempo fez de Israel povo e esposa de

Deus. Neste rito imita-se o que outrora aconteceu historicamente. Graças a esta representação, faz-se de novo presente a maravilha da salvação realizada por Deus. (Beckäuser, 1986, p. 30).

Na celebração anual da Páscoa; semanal, da liturgia sabática e diária, da liturgia das horas, fazia-se, pois, presença e realidade ritual de geração em geração da Aliança com que Deus se desposou com Israel. Deste modo, as aspirações dos pagãos por uma união nupcial com a divindade se realizam nas celebrações culturais de Israel, embora se tratasse ainda de uma realização inicial, antecipada, de promessa. (Idem p. 30).

É preciso compreender este amor “pedagógico” de Deus na história, que de modo evolutivo e crescente explica o compromisso e a relação recíproca na renovação da aliança que nós queremos evidenciar. Este amor vai constantemente rompendo com o próprio passado, desinstala e desestrutura determinadas coordenadas que possivelmente se cristalizaram ao longo do tempo. É amor ciumento, mas ao mesmo tempo gratuito e radical. Essa evolução pode ser vista desde um de seus modelos, que é a aliança. No próximo título veremos comparativamente os dois momentos da Aliança. (Mazzarolo, 1999, p. 33).

CAPÍTULO 2

2. ASPECTOS ECLESIOLÓGICOS DA ALIANÇA NO NOVO TESTAMENTO

O Senhor Jesus, depois de ter orado ao Pai, chamando a Si os que Ele quis, elegeu doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar o Reino de Deus (cfr. Mc. 3, 13-19; Mt. 10, 1-42). A estes Apóstolos (cfr. Lc. 6,13) constituiu-os em colégio ou grupo estável e deu-lhes como chefe a Pedro, escolhido de entre eles (cfr. Jo. 21, 15-17). Enviou-os primeiro aos filhos de Israel e, depois, a todos os povos (cfr. Rom. 1,16), para que, participando do Seu poder, fizessem de todas as gentes discípulos seus e as santificassem e governassem (cfr. Mt. 28, 16-20; Mc. 16,15; Lc. 24, 45-8; Jo. 20, 21-23) e deste modo propagassem e apascentassem a Igreja, servindo-a, sob a direção do Senhor, todos os dias até ao fim dos tempos (cfr. Mt. 28,20). No dia de Pentecostes foram plenamente confirmados nesta missão (cfr. At. 2, 1-26) segundo a promessa do Senhor: «Recebereis a força do Espírito Santo que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra (At. 1,8)». E os Apóstolos, pregando por toda a parte o Evangelho (cfr. Mc. 16,20), recebido pelos ouvintes graças à ação do Espírito Santo, reúnem a Igreja universal que o Senhor fundou sobre os Apóstolos e levantou sobre o bem-aventurado Pedro, seu chefe, sendo Jesus Cristo a suma pedra angular (cfr. Ap. 21,14; Mt. 16,18; Ef. 2,20) (39). (Lumen Gentium 19).

A nova aliança, prometida e esperada pelo povo de Israel, se realiza no sangue de Cristo (1Cor 11,25). Os fiéis a Cristo, regenerados pela palavra de Deus viva e eterna (1Pd 1,23), não da carne, mas da água e do Espírito (Jo 3,5-6), constituem “a raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido por Deus, para proclamar as obras maravilhosas daquele que chamou das trevas para a sua luz maravilhosa” (1Pd 2,9). A novidade do Povo de Deus no Novo Testamento consiste na convocação do Pai em Cristo e na efusão do Espírito Santo.

A última ceia de Jesus é expressão do acontecimento da cruz, consequência das atitudes públicas de Jesus, expressão de sua fidelidade ao Pai. Supera a ceia judaica de modo paradoxal. A celebração dessa ceia por Jesus denota que se inseriu na cultura judaica, realizando a Páscoa com seus discípulos. “Ao tomar o cálice em suas mãos, Jesus faz um gesto de agradecimento e entrega-o aos seus discípulos e lhes pede que o dividam; em outras palavras, que todos tomem dele, que todos o experimentem. Em seguida, ao tomar do pão Jesus faz uma ação de graças e diz que este é o seu corpo. Repetindo o gesto sobre o cálice, Jesus indica que este é a sua vida (sangue) pela vida dos que creem (cf. Lc 22,14-10)”. (Mazzarolo,1999, p. 108).

O romper do pão, na tradição cristã, é um passo muito distante daquele que se conservava na tradição judaica. O rito revela, por um lado, continuidade, mas, por outro, ruptura fundamental. Estar ali para partilhar do pão era estar ali para celebrar a vida vivida na dimensão da comunhão fraterna no quotidiano. A fração do pão e as orações eram a dimensão celebrativa deste conjunto. Com a partilha comunitária dos bens supriam-se as necessidades dos que não tinham nada ou tinham menos. A partilha do pão da solidariedade não praticava apenas ali, na assembleia cultual, mas também nas casas (At 2,42-47). (Mazzarolo,1999, p.112).

Estar juntos à mesa, pronunciar uma bênção, era uma demonstração da unidade na mesa do mundo (justiça, entreajuda, partilha, testemunho, fidelidade, compromisso etc). Por isso, Paulo torna explícito esse compromisso, quando faz um sério questionamento aos coríntios, percebendo que havia desvios na sua prática, não tanto cultual, mas de modo especial na comunhão de vida: O cálice da bênção, o qual abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo, o pão que rompemos não é a comunhão do corpo de Cristo? (1 Cor 10,16). O ensinamento de Jesus foi assimilado de modo muito fiel pelas primeiras comunidades. Elas sentiam a responsabilidade de levar à prática aquilo que o Mestre lhes havia ensinado (Jo 13,15). Para os primeiros cristãos uma coisa parece ser clara: não havia comunidade sem fração do pão, e não havia fração do pão se não houvesse comunhão de vida, sustentada nesse compromisso de fazer aquilo que Jesus lhes dissera, pois ali encontravam comunhão entre si e a comunhão no corpo e no sangue de Cristo. (Mazzarolo,1999, p. 112 - 113).

Em todas as narrações, a ceia aparece como refeição de partilha. Todos comem do mesmo pão e bebem do mesmo vinho. É uma refeição de despedida, na qual Jesus parte e reparte o pão, entrega o cálice para que passe por todos, a fim de que bebam do vinho abençoado. Jesus identifica o pão e o vinho com o seu corpo e seu sangue, expressando a

realidade da cruz, pela qual deverá passar em função de sua fidelidade ao Pai, explicitada na sua maneira de viver no interior do seu povo (Mazzarolo,1999, p.25).

Jesus de Nazaré quis, na ceia, dar lugar privilegiado ao corpo. “Tomai e comei: isto é o meu corpo” (Mc 14 22; Mt 26, 20); “Tomai e bebei: isto é o cálice da nova aliança em meu sangue que será derramado por vós” (Lc 22, 20). Ao dizer: “Tomai e comei”: isto é o meu corpo”, Jesus estava se comunicando a partir de seu contexto semita. Corpo é, aí, a manifestação concreta e visível do seu ser. Ao apresentar o pão para ser partido e comido como o seu corpo, tinha consciência do alcance de suas palavras. Naquela noite, Jesus, sabendo que chegara sua hora, e tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim (cf Jo 13.1). Temendo que os íntimos se dispersassem, Jesus quis deixar o seu testamento, a marca característica de seus discípulos: “Dou-vos um novo mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13, 34). Ele ia dar sua vida pelos discípulos e quis que eles dessem, entre si, uma prova de amor até a doação da vida, se preciso. Nisso, seriam reconhecidos como discípulos, se amassem uns aos outros até à doação total da vida. Para expressar esse desejo, Jesus tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e o deu aos seus discípulos. O Pão que ele estava repartindo e eles iriam comer não era um pão comum, mas o Pão da Vida. Comer desse pão partido é assumir o ideal do Mestre: amar os outros até à partilha, doação suprema. (Mazzarolo,1999, p. 25 - 26).

É a ação sacramental por excelência, da qual todas as demais fluem e para a qual todas as demais tendem: “Culmen et fons”. Porém, além disso, na Eucaristia a presença do Senhor ressuscitado atende seu grau máximo de densidade ontológica, por meio da transubstanciação do pão e do vinho. Do ponto de vista de seu significado sacramental, na Eucaristia encontramos a pessoa de Cristo, no ato que totaliza sua vida e recapitula toda a história da salvação. O sinal que manifesta a presença do Senhor não é apenas uma palavra ou uma ação, mas alguns elementos que contêm verdadeiramente o Senhor em todo o realismo de sua humanidade glorificada, simbolizando o ato de seu dom supremo ao Pai e seu destino para uma comunhão real, que expressa da maneira mais sublime a “autocomunicação” a sua Igreja. Aqui, o dom se confunde com o doador, a ação sacramental concentra-se na pessoa que a realiza, a palavra evangélica transforma-se na Palavra feita carne. (CASTELLANO,2008, p. 168).

Na última ceia, o pão e o vinho tornam-se sinais visíveis do sacrifício de Cristo na Cruz. Ao distribuir o pão da páscoa judaica, também chamado pão de aflição, que simbolizava os sofrimentos e as dores dos pais, Jesus anunciou aos discípulos que aquele pão era sinal

visível de seu sofrimento, a ter o seu ponto culminante na cruz. O pão que os discípulos comeriam, comunicar-lhes-ia a libertação que Jesus viera realizar, definitivamente, no mundo. Igualmente, no fim da ceia, ao orar sobre o cálice do vinho, o agradecimento de Cristo a Deus não foi só por ele haver mantido a aliança, conduzindo seu povo à terra de leite e mel, mas também, por haver feito na humanidade a “santa videira crescida sobre a raiz de Davi (Didaqué 9, 2), para sancionar, com o seu vinho-sangue, manifestado na paixão, a aliança nova e eterna. Está anunciada a redenção realizada por Jesus. (Mazzarolo,1999, p. 26).

Entretanto o memorial do êxodo adquiriu novo sentido pela realidade de morte iminente a ser realizada na cruz. No êxodo, Deus mostrou-se totalmente fiel ao seu povo, libertando-o da escravidão no Egito, selando com ele uma aliança. O povo foi infiel à aliança, mas os profetas a utilizaram como referência básica à reconciliação entre Deus e Israel. A fidelidade de Deus se manifesta na fidelidade de Jesus ao desígnio salvífico do Pai, ao mencionar as palavras “isto é meu corpo” e “este é o cálice do meu sangue”. Se, no Antigo Testamento, o sacrifício necessita de sacerdote e de vítima, agora Jesus mesmo é o sacerdote e a vítima (Hb 9, 15-28; 10,11-18). Por isso, é o verdadeiro cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

O sacrifício de Jesus na cruz denota que sua missão – presente no mistério trinitário – foi cumprida (Jo 3, 16-21). Trata-se da missão de realizar a obra da redenção da humanidade em razão da gratuidade do amor salvífico de Deus. Essa obra não prescindiu da história. A encarnação do Verbo no interior da história, a partir da vida dos pobres – representada na virgem de Nazaré e na oficina do carpinteiro, expressou a missão do Filho em profundo processo de realização. O sacrifício de Jesus na cruz não expressa uma relação sadomasoquista entre Ele e o Pai, mas a manifestação de amor gratuito e de fidelidade de um ao outro. (Mazzarolo,1999, p.31). De fato, a missão do Filho foi realizada na sua vida marcada pela proximidade, solidariedade e encarnação na vida dos pobres, suscitando-lhes vida em abundância. Cumpriu-se a missão de redimir a humanidade toda. (Idem, p. 31 - 32).

O sacrifício da Eucaristia é feito dentro do elemento de oblatividade e gratuidade. Oblatividade, pois é um gesto de amor total de Jesus que se dá aos discípulos exigindo a perpetuação desse ato: “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isso em memória de mim”. “Este cálice é a nova aliança em meu sangue que é derramado em favor de vós” (Lc 22, 19-20). Gratuidade, pois se trata de uma doação de Cristo pelos discípulos pedindo que sua memória seja atualizada: Jesus é o pão da vida. Quem vem até ele nunca mais tem fome e o que nele crê nunca mais tem sede (cf. Jo 6,34). Acreditar no pão eucarístico é viver a

partilha do ideal de Jesus Cristo. É atualizar sua fé no pão que mata a fome biológica e social e dá sentido à vida: “Quem comer desse pão viverá eternamente” (Jo 6,58). Ele é o sentido profundo da existência humana. (Idem, p.32).

A Eucaristia é a expressão máxima da vida de Jesus Cristo. Vida entregue na radicalidade do amor, na mais plena gratuidade e com o compromisso de tornar o mundo expressão deste amor. A vida toda de Jesus foi eucarística: teve compaixão da multidão e repartiu o pão (cf. Mc 8, 1-10), tornou-se peso leve dos fracos e oprimidos (cf. Mt 11, 28-30), identificou-se com os mais pobres, com os pequeninos (cf. Mt 25, 31-46), amou a todos até o fim (cf. Jo 13, 1).

O sonho maior de Jesus era de que o mundo todo fosse, também, um mundo eucarístico. Partindo desse sonho-projeto, Jesus constitui uma comunidade de discípulos e discípulas. Chamou pessoas de situações diversas e, com elas, começou a construir uma comunidade eucarística. A Igreja comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo tem sua razão de ser, de fato, por Cristo, com Cristo e em Cristo, como igreja eucarística: Igreja que partilha o pão, que carrega o peso dos fracos, que lava os pés dos discípulos, que anuncia e denuncia, que é sal, fermento e luz, Igreja samaritana, Igreja de crucificados, Igreja de ressuscitados. (Mazzarolo,1999, p. 33).

CAPÍTULO 3

3. A UNIVERSALIDADE E UNIDADE ECLESIAL A LÚZ DA LUMEN GENTIUM

Na Constituição Dogmática Lumen Gentium (1964) encontramos que “o Filho de Deus, vencendo, na natureza humana a Si unida, a morte, com a Sua morte e ressurreição, remiu o homem e transformou-o em nova criatura (cfr. Gl. 6,15; 2 Cor. 5,17). Pois, comunicando o Seu Espírito, fez misteriosamente de todos os Seus irmãos, chamados de entre todos os povos, como que o Seu Corpo. (LG 7).

É nesse corpo que a vida de Cristo se difunde nos que creem, unidos de modo misterioso e real, por meio dos sacramentos, a Cristo padecente e glorioso (6). Com efeito, pelo Batismo somos assimilados a Cristo; “todos nós fomos batizados no mesmo Espírito, para formarmos um só corpo” (1 Cor. 12,13). Por este rito sagrado é representada e realizada a união com a morte e ressurreição de Cristo: “fomos sepultados, pois, com Ele, por meio do Batismo, na morte”; se, porém; “nos tornamos com Ele um mesmo ser orgânico por morte semelhante à Sua, por semelhante ressurreição o seremos também (Rm. 6, 4-5). Ao participar realmente do corpo do Senhor, na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós; “Porque há um só pão, nós, que somos muitos, formamos um só corpo, visto participarmos todos do único pão” (1 Cor. 10,17). E deste modo nos tornamos todos membros desse corpo (cfr. 1 Cor. 12,27), sendo individualmente membros uns dos outros» (Rm. 12,5). (LG 7).

E assim como todos os membros do corpo humano, apesar de serem muitos, formam, no entanto, um só corpo, assim também os fiéis em Cristo (cfr. 1 Cor. 12,12). Também na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e de funções. É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja (cfr. 1 Cor. 12, 1-11). Entre estes dons, sobressai a graça dos Apóstolos, a cuja autoridade o mesmo Espírito submeteu também os carismáticos (cfr 1 Cor. 14). O mesmo Espírito, unificando o corpo por si e pela sua força e pela coesão interna dos membros, produz e promove a caridade entre os fiéis. Daí que, se algum membro padece, todos os membros sofrem juntamente; e se algum membro recebe honras, todos se, alegram (cfr. 1 Cor. 12,26). (LG 7).

A cabeça deste corpo é Cristo. Ele é a imagem do Deus invisível e n'Ele foram criadas todas as coisas. Ele existe antes de todas as coisas e todas n'Ele subsistem. Ele é a cabeça do corpo que a Igreja é. É o princípio, o primogênito de entre os mortos, de modo que em todas as coisas tenha o primado (cfr. Cl. 1, 15-18). Pela grandeza do Seu poder domina em todas as coisas celestes e terrestres e, devido à Sua supereminente perfeição e ação, enche todo o corpo das riquezas da Sua glória (cfr. Ef. 1, 18-23). (LG 7).

Todos os membros se devem conformar com Ele, até que Cristo se forme neles (cfr. Gl. 4,19). Por isso, somos assumidos nos mistérios da Sua vida, configurados com Ele, com Ele mortos e ressuscitados, até que reinemos com Ele (cfr. Fil. 3,21; 2 Tim. 2,11; Ef. 2,6; Cl. 2,12; etc.). Ainda peregrinos na terra, seguindo as Suas pegadas na tribulação e na perseguição, associamo-nos nos seus sofrimentos como o corpo à cabeça, sofrendo com Ele, para com Ele sermos glorificados (cfr. Rm. 8,17). (LG 7).

É por Ele que “o corpo inteiro, alimentado e coeso em suas juntas e ligamentos, se desenvolve com o crescimento dado por Deus” (Cl. 2,19). Ele mesmo distribui continuamente, no Seu corpo que é a Igreja, os dons dos diversos ministérios, com os quais, graças ao Seu poder, nos prestamos mutuamente serviços em ordem à salvação, de maneira que, professando a verdade na caridade, cresçamos em tudo para Aquele que é a nossa cabeça (cfr. Ef. 4, 11-16). (LG 7).

E para que sem cessar nos renovemos n'Ele (cfr. Ef. 4,23), deu-nos do Seu Espírito, o qual, sendo um e o mesmo na cabeça e nos membros, unifica e move o corpo inteiro, a ponto de os Santos Padres compararem a Sua ação à que o princípio vital, ou alma, desempenha no corpo humano. (LG 7).

Cristo ama a Igreja como esposa, fazendo-se modelo do homem que ama sua mulher como o próprio corpo (cfr. Ef. 5, 25-28); e a Igreja, por sua vez, é sujeita à sua cabeça (ib. 23-24). «Porque n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da natureza divina» (Cl. 2,9), enche a Igreja, que é o Seu corpo e plenitude, com os dons divinos (cfr. Ef. 1, 22-23), para que ela se dilate e alcance a plenitude de Deus (cfr. Ef. 3,19). (LG 7). Os batizados fazem parte desse povo e recebem a dignidade de filhos de Deus. A meta desse povo é o Reino de Deus que deve ser construído na comunhão, na caridade e na verdade. A marca distintiva do Povo de Deus é a comunhão de serviço à vida, caridade e verdade. O Povo de Deus é enviado ao mundo inteiro como luz das nações (LG 9).

A presença “sacerdotal” de Cristo se faz também especificamente presente de “vítima gloriosa”, que se oferece ao Pai e a nós, a Igreja. O contato com sua pessoa se realiza por meio dos elementos que permitem degustar e saborear a realidade de Cristo e especificam o destino final de sua doação, sua compenetração mútua em sua vida e em seu mistério pascal, “porque a participação do corpo e sangue de Cristo não faz senão que passemos a ser o que recebemos”. Tudo se realiza em virtude da palavra sumamente eficaz de Cristo, proclamada pela Igreja e por meio do poder do Espírito. (CASTELLANO, 2008, p. 168 - 169). O novo Povo de Deus é um povo sacerdotal pela função do Espírito. Tanto o sacerdócio comum dos fiéis como o sacerdócio ministerial, apesar de distintos participam do mesmo sacerdócio de Cristo (LG 10).

No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo a Ele no nosso próprio mundo. Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Com efeito a Eucaristia é, por si mesma, um ato de amor cósmico. « Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar duma igreja da aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo». A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico, « a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador». Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira. (Laudato Si, 2015, número 236).

Cada leigo deve ser, perante o mundo, uma testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus e um sinal do Deus vivo. Todos em conjunto, e cada um por sua parte, devem alimentar o mundo com frutos espirituais (cfr. Gl. 5,22) e nele difundir aquele espírito que anima os pobres, mansos e pacíficos, que o Senhor no Evangelho proclamou bem-aventurados (cfr. Mt. 5, 3-9). Numa palavra, «sejam os cristãos no mundo aquilo que a alma é no corpo».

(LG 38). Pelo testemunho, os cristãos participam do múnus profético de Cristo e, em virtude da unção do Espírito Santo, não podem se enganar no ato de fé. (LG 12). Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a santidade de vida, de que Ele é autor e consumidor, a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição: “sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt. 5,48) (121). A todos enviou o Espírito Santo, que os move interiormente a amarem a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todo o espírito e com todas as forças (cfr. Mc. 12,30) e a amarem-se uns aos outros como Cristo os amou (cfr. Jo. 13,34; 15,12). Os seguidores de Cristo, chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus, não por merecimento próprio, mas pela vontade e graça de Deus, são feitos, pelo Batismo da fé, verdadeiramente filhos e participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos. É necessário, portanto, que, com o auxílio divino, conservem e aperfeiçoem, vivendo-a, esta santidade que receberam.

O Apóstolo admoesta-os a que vivam como convém a “santos” (Ef. 5,3), como eleitos e amados de Deus, se revistam de entranhas de misericórdia, benignidade, humildade, mansidão e paciência” (Cl. 3,12) e alcancem os frutos do Espírito para a santificação (cfr. Gl. 5,22; Rm. 6,22). E porque todos cometemos faltas em muitas ocasiões (Tg. 3,2), precisamos constantemente da misericórdia de Deus e todos os dias devemos orar: “perdoai-nos as nossas ofensas” (Mt. 6,12). É, pois, claro a todos, que os cristãos de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade.

Na própria sociedade terrena, esta santidade promove um modo de vida mais humano. Para alcançar esta perfeição, empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida em que as dá Cristo, a fim de que, seguindo as Suas pisadas e conformados à Sua imagem, obedecendo em tudo à vontade de Deus, se consagrem com toda a alma à glória do Senhor e ao serviço do próximo. Assim crescerá em frutos abundantes a santidade do Povo de Deus, como patentemente se manifesta na história da Igreja, com a vida de tantos santos. (LG 40). O Povo de Deus deve estender-se a todo o mundo e, mantendo a sua unidade, permanece em comunhão pelo Espírito Santo. Pertencem ou estão ordenados à unidade do Povo de Deus, mesmo que de modo diverso, os fiéis católicos, todos os que creem em Cristo, enfim todos os homens chamados à salvação (LG 13).

Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás e da morte e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que realizassem a

obra de salvação que anunciavam, mediante o sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica. Pelo Batismo são os homens enxertados no mistério pascal de Cristo: mortos com Ele, sepultados com Ele, com Ele ressuscitados; recebem o espírito de adoção filial que “nos faz clamar: Abba, Pai” (Rm. 8,15), transformando-se assim nos verdadeiros adoradores que o Pai procura.

E sempre que comem a Ceia do Senhor, anunciam igualmente a sua morte até Ele vir. Por isso foram batizados no próprio dia de Pentecostes, em que a Igreja se manifestou ao mundo, os que receberam a palavra de Pedro. E “mantinham-se fiéis à doutrina dos Apóstolos, à participação na fração do pão e nas orações... louvando a Deus e sendo bem vistos pelo povo” (At. 2, 41-47). Desde então, nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo “o que se referia a Ele em todas as Escrituras” (Lc. 24,27), celebrando a Eucaristia, na qual “se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte”, e dando graças “a Deus pelo Seu dom inefável” (2 Cor. 9,15) em Cristo Jesus, “para louvor da sua glória” (Ef. 1,12), pela virtude do Espírito Santo. (SC 6).

O exemplo a seguir e os meios que o Cristo nos deixou para realizarmos a vocação integral do homem, normalmente nos são comunicados através da Igreja. (Beckäuser,1986, p. 32). Diz o Concílio Vaticano II: “Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para pregarem o Evangelho a toda criatura, anunciarem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertou do poder de Satanás e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas ainda para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação através do Sacrifício e dos Sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica” (SC, nº 6).

No Documento de Aparecida (DA, 2007, número 175) encontramos que seguindo o exemplo da primeira comunidade cristã (cf. At 2,46-47), a comunidade paroquial se reúne para partir o pão da Palavra e da Eucaristia e perseverar na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade. Na celebração eucarística, ela renova sua vida em Cristo. A Eucaristia, na qual se fortalece a comunidade dos discípulos, é para a Paróquia uma escola de vida cristã. Nela, juntamente com a adoração eucarística e com a prática do sacramento da reconciliação para comungar dignamente, seus membros são preparados para dar frutos permanentes de caridade, reconciliação e justiça para a vida do mundo.

a) A Eucaristia, fonte e ponto alto da vida cristã, faz com que nossas paróquias sejam sempre comunidades eucarísticas que vivem sacramentalmente o encontro com o Cristo Salvador. Elas também celebram com alegria. (DA 175).

Isto significa que a universalidade faz parte do culto cristão. É o culto do céu aberto. Ele nunca é apenas um encontro de uma comunidade local. A Eucaristia significa muito mais a entrada na glorificação de Deus que abrange céus e terra e que é iniciada com a cruz e a ressurreição. A Liturgia cristã nunca é cerimônia de apenas um determinado grupo, círculo ou de uma determinada igreja local. O caminhar da humanidade, rumo a Cristo, é o caminhar de Cristo rumo aos homens. A sua vontade é unir a humanidade e gerar uma única igreja, uma única reunião de Deus com todos os homens. As dimensões horizontais e verticais, a singularidade de Deus e a unidade dos homens, a comunidade de todos os que adoram em espírito e em verdade, são relacionadas entre elas. (Ratzinger, 2006, p. 37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Reino, que se antecipa e cresce entre nós, abrange tudo, como nos recorda aquele princípio de discernimento que Paulo VI propunha a propósito do verdadeiro desenvolvimento: “Todos os homens e o homem todo”. Sabemos que “a evangelização não seria completa, se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens”. É o critério da universalidade, próprio da dinâmica do Evangelho, dado que o Pai quer que todos os homens se salvem; e o seu desígnio de salvação consiste em “submeter tudo a Cristo, reunindo n’Ele o que há no céu e na terra” (Ef 1, 10). O mandato é: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15), porque toda “a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus” (Rm 8, 19). Toda a criação significa também todos os aspectos da vida humana, de tal modo que «a missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. “Nada do humano pode lhe parecer estranho”. A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história. (Evangelii Gaudium, 2013, número 181).

A experiência cristã está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza (21). Está presente na sua Palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a

Igreja reza e canta, Ele que prometeu: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt. 18,20). (SC 7).

A Eucaristia é a palavra eficaz e sumamente significativa; realiza o que significa: o fato central da salvação, a atualização do dom de Cristo para a salvação do mundo e aceitação de seu sacrifício por parte do Pai, manifestada em sua glorificação, memorial da morte e ressurreição do Senhor; as palavras da Eucaristia formem, como diz Rahner, o “Urkerigma” o querigma primordial e original que é o anúncio de Cristo morto e ressuscitado (cf. 1Cor 11,26) e, enquanto o proclamam, atualizam-no no tempo. (CASTELLANO, 2008, p. 168).

Não posso deixar de lembrar a questão que se colocava Santo Tomás de Aquino ao interrogar-se quais são as nossas ações maiores, quais são as obras exteriores que manifestam melhor o nosso amor a Deus. Responde sem hesitar que, mais do que os atos de culto, são as obras de misericórdia para com o próximo: “não praticamos o culto a Deus com sacrifícios e com ofertas exteriores para proveito d’Ele, mas para benefício nosso e do próximo: de fato Ele não precisa dos nossos sacrifícios, mas quer que lhos ofereçamos para nossa devoção e para utilidade do próximo. Por isso a misericórdia, pela qual socorremos as carências alheias, ao favorecer mais diretamente a utilidade do próximo, é o sacrifício que mais Lhe agrada”. (Gaudete et exsultate, 2018, número 106).

Entre todas as palavras evangélicas e entre todas as ações sacramentais, a Eucaristia (Palavra e Sacramento) constitui o ápice da eficácia, intensidade e simbolismo da presença de Cristo. Por isso, a presença de Cristo na comunidade recebe a expressão máxima neste sacramento. (CASTELLANO, 2008, p.167).

Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus Cristo - cabeça e membros - presta a Deus o culto público integral. (SC 7).

A Liturgia, é contudo, simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força. Na verdade, o trabalho apostólico ordena-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela Fé e pelo Batismo se reúnam em assembleia para louvar a Deus no meio da Igreja, participem no Sacrifício e comam a Ceia do Senhor. (SC 10).

A Liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados pelos “mistérios pascais», a viverem “unidos no amor” (26); pede “que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé” (27); e pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, aquece os fiéis na caridade

urgente de Cristo. Da Liturgia, pois, em especial da Eucaristia, corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja. (SC 10).

O supremo e eterno sacerdote Cristo Jesus, querendo também por meio dos leigos continuar o Seu testemunho e serviço, vivifica-o pelo Seu Espírito e sem cessar os incita a toda a obra boa e perfeita. E assim, àqueles que intimamente associou à própria vida e missão, concedeu também participação no seu múnus sacerdotal, a fim de que exerçam um culto espiritual, para glória de Deus e salvação dos homens. Por esta razão, os leigos, enquanto consagrados a Cristo e unguídos no Espírito Santo, têm uma vocação admirável e são instruídos para que os frutos do Espírito se multipliquem neles cada vez mais abundantemente. Pois todos os seus trabalhos, orações e empreendimentos apostólicos, a vida conjugal e familiar, o trabalho de cada dia, o descanso do espírito e do corpo, se forem feitos no Espírito, e as próprias incomodidades da vida, suportadas com paciência, se tornam em outros tantos sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo (cfr. 1 Ped. 2,5); sacrifícios estes que são piedosamente oferecidos ao Pai, juntamente com a oblação do corpo do Senhor, na celebração da Eucaristia. E deste modo, os leigos, agindo em toda a parte santamente, como adoradores, consagram a Deus o próprio mundo. (LG 34).

A Eucaristia é uma oração-atitude dirigida a Deus que nasce de um fato maravilhoso. Diante deste fato, atribuído à grandeza e ao poder de Deus, o homem se admira e prorrompe em aclamações, narrando o fato de que foi testemunha. Esta admiração do fato maravilhoso expressa três atitudes fundamentais do homem.

A primeira é o louvor, o enaltecimento de Deus. O homem bendiz o Senhor, atribui-lhe o milagre, o fato maravilhoso.

A segunda é a profissão de fé. Reconhecendo que Deus operou a maravilha, o homem sente-se pequeno, aceita a Deus como Senhor. Esta atitude inclui também a adoração. (Beckäuser, 1986, p. 81).

A terceira atitude que se origina da presença de um fato maravilhoso, enquanto foi um benefício para o homem, é o agradecimento. Diante da maravilha da semente que brota, que nasce e chega à flor e fruto, o homem exclama: Milagre! Após a exclamação, vem a reflexão sobre o fato. (Idem, p. 82).

Portanto, a espiritualidade da ação de graças advém daquela bíblica e judaica bênção. Deus é bendito porque se manifestam coisas e fatos que o fiel percebe como vindos dele, e

por isso lhe presta louvores como fonte de todo o bem. A assembleia toma conhecimento das obras admiráveis feitas por Deus através da proclamação da Palavra. Por isso a ação de graças se exprime já no próprio âmbito da liturgia da palavra; no fim de cada leitura este sentimento é manifestado de várias formas: “Demos graças a Deus” ou também: “Glória a ti, Senhor”. O *Aleluia* que precede a proclamação do evangelho também é elemento que deve ser interpretado neste contexto. Tudo isso encontrará depois a mais sublime expressão na Oração Eucarística (AUGÉ, 1998, p. 143-144).

A experiência vivida por meio de um rito litúrgico possibilita conhecer, amar e servir a Deus e compreender o seu projeto para a vida de cada um. Compreendemos que uma comunidade que bem celebra a liturgia transmite a vida e os ensinamentos de Jesus aos irmãos.

A Eucaristia é fonte e cume da vida cristã. É o centro de toda vida cristã, tanto para a Igreja universal e local, como para cada um dos fiéis. Na celebração da Missa culmina toda a ação para a qual Deus, em Cristo, santifica o mundo. Também por ela cada pessoa, por meio de Cristo, pela ação do Espírito Santo, pode adorar a Deus Pai.

O próprio Cristo mandou preparar uma grande sala mobiliada (Lc22,12) para celebrar com os seus discípulos a Ceia Pascal, momento em que institui o sacrifício de seu Corpo e Sangue.

Cada fiel, pela vivência eucarística na liturgia, oferece sua vida a Cristo, alimenta sua busca de Deus que o leva a sair de si mesmo e ir ao encontro do outro. Quando se celebra em comunidade cada pessoa tem forças e condições para enfrentar os desafios de seu dia a dia.

“Todos os homens são chamados ao povo de Deus. É por isso que este povo, permanecendo uno e único, deve dilatar-se até os confins do mundo inteiro e em todos os tempos, para dar cumprimento ao desígnio de Deus que, no princípio, criou a natureza humana e decidiu congregar finalmente na unidade todos os seus filhos que andavam dispersos (cf. Jo 11,52) (...) Este caráter de universalidade que distingue o povo de Deus, é um dom do Senhor, graças ao qual a Igreja tende constante e eficazmente para congregar em Cristo, sua cabeça, na unidade do Espírito, a humanidade inteira, com tudo o que ela tem de bom (...) A esta unidade católica do povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal, são chamados todos os homens: a ela pertencem ou para ela se orientam, embora de maneira diferente, tanto os católicos como todos os cristãos, e mesmo todos os homens em geral, chamados pela graça de Deus à salvação” (LG nº 13).

Enfim, a *Lumen Gentium* mostra-nos que todos os homens são chamados a constituir-se Povo de Deus. Observamos, entretanto, que o “Reino de Deus não é deste mundo” (cf. Jo 18,36), porém buscamos viver como estrangeiros nesta pátria, aproveitando-nos do que há de bom neste vale de lágrimas, enquanto aguardamos a manifestação final do Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUGÉ, M. **Liturgia**. História, celebração, teologia, espiritualidade. Editora Ave Maria, 1998.

BECKÄUSER, F. A. **Celebrar a Vida cristã**. Formação litúrgica para agentes de Pastoral, equipes de Liturgia e Grupo de reflexão. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CASTELLANO, J. **Liturgia e vida espiritual**. Teologia, celebração, experiência. Trad. Antônio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção Liturgia fundamental).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros, *Presbyterorum Ordinis*, dia 7 de dezembro de 1965.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen gentium*, dia 21 de novembro de 1964.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição Dogmática sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, dia 4 de dezembro de 1963.

IGREJA CATÓLICA. Papa Francisco. Carta Encíclica *Laudato Si*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

IGREJA CATÓLICA. Papa Francisco. Exortação apostólica *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013).

IGREJA CATÓLICA. Papa Francisco. Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate* (09 de abril de 2018).

JORDÃO, José Cláudio. Estudo do conceito “Povo de Deus” na *Lumen Gentium*. **Dissertação apresentada ao mestrado em Teologia Sistemática da PUCSP**, São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13867>. Acessado em: 30/10/2018.

MAZZAROLO, I. **A Eucaristia: memorial da nova aliança**. Continuidade e rupturas. São Paulo: Paulus, 1999. (Temas bíblicos)

RATZINGER, J. **Introdução ao espírito da Liturgia**. 2ª ed. São Paulo. Paulinas, 2006.

V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Documento de Aparecida (29 de junho de 2007).

14ª CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL. **Eucaristia: fonte da missão e vida solidária**. Paulus, 2001